

PRÉMIO VERGÍLIO FERREIRA

Criado pela Universidade de Évora em 1997, o Prémio Vergílio Ferreira é atribuído anualmente a ensaístas e/ou romancistas de língua portuguesa. Com bastante frequência, as propostas de candidatura apresentadas pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, através do seu Departamento de Estudos Portugueses e de Estudos Românicos, têm saído vencedoras. Das onze edições realizadas foram estes os respectivos vencedores:

- 1997 – Maria Velho da Costa
- 1998 – Maria Judite de Carvalho
- 1999 – Mía Couto
- 2000 – Almeida Faria
- 2001 – Eduardo Lourenço
- 2002 – Óscar Lopes
- 2003 – Vítor Manuel de Aguiar e Silva
- 2004 – Agustina Bessa-Luís
- 2005 – Manuel Gusmão
- 2006 – Fernando Guimarães
- 2007 – Vasco Graça Moura

Entendendo que o interesse dos textos que fundamentaram as propostas justifica a sua publicação, tentámos reuni-los para os incluir neste volume de *Línguas e Literaturas*. No entanto, apesar da insistência, só conseguimos ter acesso a três dos últimos, apresentados de seguida, com a respectiva indicação de autoria.

Branca

PROPOSTA DE CANDIDATURA DE AGUSTINA BESSA-LUÍS

AO PRÉMIO VERGÍLIO FERREIRA

MARIA JOÃO REYNAUD

O Departamento de Estudos Portugueses e Estudos Românicos da Faculdade de Letras da Universidade do Porto propõe que, no ano de 2003, o prémio Vergílio Ferreira seja atribuído a Agustina Bessa-Luís.

Nascida a 15 de Outubro de 1922, em Vila Meã, Amarante, Agustina acaba de completar 80 anos de uma vida consagrada à literatura, com mais de sessenta obras publicados nos domínios do romance, da novela, do conto, do teatro, das memórias, da biografia e, mais recentemente, da autobiografia. O culto da língua, a exploração argutíssima dos seus diversos recursos expressivos (do vernaculismo ao neologismo; do provérbio e do aforismo à expressão *aguda* do pensamento, no sentido barroco do termo) fazem dela uma prosadora exímia e uma cronista admirável. Merece também um particular destaque o seu excepcional trabalho de guionista, ligado à obra cinematográfica de Manoel de Oliveira, sem que possamos esquecer as suas ocasionais incursões no ensaísmo.

A sua obra de estreia, a novela *Mundo Fechado*, foi editada em 1948, revelando desde logo a sua “vocação excepcional” (Óscar Lopes). Mas é com *A Sibila*, romance publicado em 1954, que se impõe

uma das vozes mais poderosas e definitivas da ficção portuguesa contemporânea. Este facto vem recordar-nos que, no próximo ano, se cumprem cinquenta anos sobre a publicação desta obra-prima da novelística portuguesa do século XX, competindo à Universidade Portuguesa assinalar condignamente o acontecimento e comemorar mais de meio século de uma vida literária invulgarmente fecunda, marcada por um ritmo de publicação de regularidade pouco comum.

Cada novo livro de Agustina é muito mais do que a história que se conta: é um exercício superior de inteligência, que questiona a precariedade da condição humana, a tensão permanente entre o instinto e a razão, a relação entre o tempo em que vivemos e a eternidade para que aponta a verdadeira obra de arte.

Sendo, seguramente, um dos escritores mais lidos na Europa, e objecto de verdadeiro culto num país exigente como a França, Agustina Bessa-Luís continua a impor-se, no início deste século, como uma das personalidades mais fascinantes e irreverentes da nossa vida cultural – e, talvez, aquela que de um modo mais insistente e radical tem interrogado os fundamentos da nossa identidade.

Sem a sua obra, sólida e vastíssima, a nossa literatura seria bem mais pobre. Geralmente, insiste-se no facto de ela ser a expressão genuína da cultura do Norte do Portugal, esquecendo-se que aí se empreende, ao nível profundo, uma travessia da nossa história recente, com a lupa implacável de quem procura as razões obscuras que determinam as acções humanas. Mas, sobretudo, com a tolerância de quem ama o país onde nasceu e vive.

Porto e Faculdade de Letras do Porto, 2 de Dezembro de 2003

PROPOSTA DE CANDIDATURA DE FERNANDO GUIMARÃES

AO PRÉMIO VERGÍLIO FERREIRA

493

CELINA SILVA

A obra de Fernando Guimarães, grande em alcance, qualidade e quantidade, onde o exercício da escrita se alia a uma constante intervenção como orador, impõe-se na travessia cultural portuguesa da segunda metade do século XX pelo rigor da sua busca expressiva contínua, corporizada de modo polígrafo, associando-se à escrita do teórico, do crítico, do tradutor, do filólogo.

O percurso intelectual e artístico de Fernando Guimarães, reconhecido e premiado pela crítica, apresenta um campo progressivamente alargado, aprofundado, instaurando-se por via de uma prática repensada de maneira contínua. Esta produção, cuja temática maior radica na concomitância fundacional do ser e da representação, exemplarmente consignadas no exercício dos discursos poético e filosófico, caracteriza-se pelo cariz inquiridor face ao ser e à linguagem. Voz a todos os títulos singular da condição da Modernidade literária, a sua obra patenteia o equilíbrio superiormente atingido através da materialização reflexiva da fruição da linguagem na qual a sensibilidade lúcida engendra uma escrita densa e arrebatadora pela simbiose de contenção e poder evocativo. O encaminhamento da vivência-representação

estética, operação criativa propulsionada por via da dimensão teórica, confere aos textos produzidos um teor sintético relevante.

A mestria no dizer, dizendo-se, através do confronto-consciência do poético e do ontológico, desencadeia um curso ininterrupto, cumprido numa espécie de “pacto” com o essencial. Redimensionando a tradição ocidental até aos confins do Verbo, Fernando Guimarães experiencia, transmitindo-nos em simultâneo, a visão dos limites em permanente expansão do exercício sapiente da linguagem; reflexão-representação apreensível na singularidade efémera do acto de criação que como universal se manifesta.

Assim o Departamento de Estudos Portugueses e Estudos Românicos da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Instituição com a qual Fernando Guimarães tem assiduamente colaborado como conferencista e também docente do Seminário Poética do Simbolismo, do Mestrado em Literaturas Românicas Modernas e Contemporâneas, em primeira edição, tem o honroso prazer de propor a sua candidatura ao Prémio Vergílio Ferreira 2005.

Porto e Faculdade de Letras, Dezembro de 2005

Curriculum de Fernando Guimarães

1. Poesia

- 1956, *A Face Junto ao Vento: poemas*, Lisboa, Edições Eros.
- 1959, *Os Habitantes do Amor: poemas*, Porto.
- 1971, *As Maçãs Inteiras*, Lisboa, Iniciativas Editoriais.
- 1975, *Três Poemas*, Porto, Iniciativas Editoriais. (Prémio Casimiro Dantas da Academia de Ciências de Lisboa)
- 1978, *Mito*, Porto, Inova.
- 1981, *Poesia – 1952-1980*, Porto, O Ouro do Dia.
- 1985, *Casa, o seu Desenho*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda. (Prémio D. Dinis da Fundação Casa de Mateus)
- 1988, *Tratado de Harmonia: poemas*, Porto, Justiça e Paz.
- 1990, *A Analogia das Folhas*, des. Ana Hatherly; Porto, Limiar.
- 1992, *O Anel Débil*, Porto, Afrontamento. (Grande Prémio de Poesia da Associação Portuguesa de Escritores)
- 1994, *Poesias Completas*, Porto, Afrontamento.
- 2000, *Cinquenta e Seis Poemas*, Lisboa, Fluviais.
- 2000, *Limites para uma Árvore*, Porto, Afrontamento. (Prémios Teixeira de Pascoaes e António Ramos Rosa)
- 2001, *As Mãos Inteiras*, Vila Nova de Famalicão, Quasi.
- 2002, *Lições de Trevas*, Vila Nova de Famalicão, Quasi. (Prémio da Fundação Luís Miguel Nava)

Em colaboração

- 1985, *As Palavras da Tribo*, des. José Guimarães; Funchal, Altamira; Lisboa, Quetzal.

1990, *Comment labourer la terre : choix de poèmes*, Luzarches, Royaumont.

2003, *Porto, autres saveurs*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

2. Ensaio

1959, *O Problema da Expressão Poética*, Lisboa, Eros.

1969, *A Poesia da "Presença" e o Aparecimento do Neo-realismo*, Porto, Inova (2.^a ed., revista, Porto, Brasília, 1981).

1972, *Linguagem e Ideologia*, Porto, Inova (*Linguagem e Ideologia: uma abordagem desde Almeida Garrett a Jorge de Sena*, 2.^a ed., revista e aumentada, Porto, Lello, 1996).

1977, *A Poética de Rilke*, Coimbra, Faculdade de Letras.

1982, *Simbolismo, Modernismo e Vanguardas*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda (2.^a ed., 1992; 3.^a ed., revista, 2004).

1988, *Poética do Saudosismo*, Lisboa, Presença.

1989, *A Poesia Contemporânea Portuguesa e o Fim da Modernidade*, Lisboa, Caminho (*A Poesia Contemporânea Portuguesa*, 2.^a ed., rev. e aumentada, Vila Nova de Famalicão, Quasi, 2002).

1990, *Poética do Simbolismo em Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda.

1992, *Conhecimento e Poesia*, Porto, Oficina Musical.

1994, *Os Problemas da Modernidade*, Lisboa, Presença.

1999, *O Modernismo Português e a sua Poética*, Porto, Lello.

2003, *Artes Plásticas e Literatura: do Romantismo ao Surrealismo*, Porto, Campo das Letras.

2004, *Teixeira de Pascoaes e o Inquérito Literário*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Separata da *Revista da Faculdade de Letras, Filosofia*, II Série, vol. XXI, Porto).

Em colaboração

1994, *Uma Homenagem a Guilherme de Castilho*, com Isabel Pires de Lima; Matosinhos, Câmara Municipal; Porto, Afrontamento.

3. Prosa

1996, *As Quatro Idades*, Lisboa, Presença.

497

4. Drama

1999, *Diotima e as Outras Vozes*, Porto, Campo das Letras.

5. Crónica

Colaboração regular no *JL* em *Crónica de Poesia*.

6. Paratextos

1964, *Ciclo de Pedras*, de Luís Veiga Leitão; apresentação; Lisboa, Portugália Editora.

1974, *Pequena História da Moderna Poesia Portuguesa*, de José Régio; introdução; Porto, Brasília Editora.

1977, *Poesia Romântica Inglesa: Byron, Shelley, Keats*, prefácio, selecção, tradução e notas; Porto, Editorial Inova (2.^a ed., Lisboa, Relógio d'Água, 1991).

1985, *Longo Caminho Breve: poesias escolhidas: 1943-1983*, de Luís Veiga Leitão; prefácio; Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

1987, *Flush: uma biografia*, de Virginia Woolf; prefácio; Porto, Afrontamento.

1989, *Barisfera*, de Jorge de Amorim; prefácio; Porto, Limiar.

1989, *Napoleão*, de Teixeira de Pascoaes; introdução; Lisboa, Assírio & Alvim.

1990, *A Mão ao Assinar Este Papel*, de Dylan Thomas; tradução e prefácio; Lisboa, Assírio & Alvim (2.^a ed., 1998).

1991, *Poesias Completas*, de Ângelo de Lima; organização, prefácio e notas; Lisboa, Assírio & Alvim.

1992, *Dezassete Poemas*, de António Ramos Rosa; prefácio; Lisboa, Ed. Escritor.

1993, *O Lado Negro do Lado Branco*, de Laureano Silveira; prefácio; Porto, Limiar.

498

1998, *A Margem da Alegria*, de Ruy Belo; introdução; Lisboa, Presença.

1999, *A Poesia de Teixeira de Pascoaes e Outros Escritos Pascoesianos; A Educação do Sentimento Poético*, de Jacinto do Prado Coelho; prefácio; Porto, Lello.

2000, *Falando Só com a Pedra*, de Salah Stétié; trad. de Amadeu Baptista *et alii*; revisão e prefácio; Lisboa, Quetzal.

2000, *Flor Campino: a memória e os dias: desenho e pintura*, org. de Árvore; coord. de Manuela de Abreu e Lima; fot. de Jorge Coelho; texto de Fernando Guimarães; Porto, Árvore.

2003, *Sylvie e Bruno*, de Lewis Carroll; prefácio; Lisboa, Relógio d'Água.

Em colaboração

1995, *Médium e Outros Poemas*, de Elaine Feinstein; tradução colectiva; rev., complet. e apresentada por Fernando Guimarães e Maria de Lurdes Guimarães; Lisboa, Quetzal.

7. Edição de obras

1999, *Obras de Júlio Brandão*, Porto, Lello.

8. Tradução

1960, *Odes*, de John Keats; Porto, Livraria Sousa e Almeida.

1984, *As baleias não choram!*, de D. H. Lawrence; *A mulher sem sombra*, de Hugo von Hofmannsthal; tradução, em colaboração com Maria de Lurdes G. Guimarães; Porto, O Oiro do Dia.

9. Antologias

1988, *Ficção e Narrativa no Simbolismo: antologia*, selecção e prefácio; Lisboa, Guimarães Editores.

2001, *Simbolismo, Saudosismo e Modernismo: antologia de poesia portuguesa do século XX*, introdução e selecção; Vila Nova de Famalicão, Quasi.

10. Docência

Filosofia, no Ensino Secundário.

Seminário “Poética do Simbolismo” no Mestrado em Literaturas Românicas Modernas e Contemporâneas da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

11. Colóquios

Participação em inúmeros colóquios e organização de *Cultura e Contra-cultura*, Porto, 2001.

Caminhos da Linguagem e da Imaginação – Modernismo e Pós-Modernismo, Casa de Serralves, 2003.

Branca

PROPOSTA DE CANDIDATURA DE VASCO GRAÇA MOURA

AO PRÉMIO VERGÍLIO FERREIRA

501

ISABEL MORUJÃO DE BEIRES

PEDRO VILAS-BOAS TAVARES

O conjunto da obra de Vasco Graça Moura destaca-se no panorama cultural português e internacional com um vigor e uma eloquência que dispensariam apresentações.

Nascido no Porto a 3 de Janeiro de 1942, Vasco Graça Moura “não prescinde das suas coordenadas portuenses”, que se inscrevem implícita e explicitamente em muitas das suas páginas de poesia e de ficção. Nas palavras do próprio em “De Si, Na Terceira Pessoa”, Graça Moura “escreve desde que se conhece e conhece-se melhor quando (se) escreve”. Por isso, a sua vasta e plurifacetada obra (como poeta, ensaísta, ficcionista, tradutor, dramaturgo, antologista, cronista, prefaciador...), nas suas largas dezenas de títulos, apresenta uma qualidade que parece apurar-se a cada nova produção.

Percepcionando “a criação como convocação de emergências da cultura a que vivencialmente se solidariza”, nele todas as facetas criativas convergem e se fecundam mutuamente, num interessante e singularíssimo percurso, em que o ensaio ilumina a poesia, a poesia revela e clarifica o real, a tradução consolida e reinventa o poeta. Leitor por sobrevivência e condição existencial, Vasco Graça Moura transporta

essa experiência de memórias várias para a escrita, sobretudo a poética, onde cada texto se faz eco de reminiscências múltiplas, pessoais e textuais, num depuramento contido de invulgar recorte. Escrever é então um acto ousado de (re)construir identidade(s), incutindo um renovado dinamismo às formas e ritmos da tradição clássica (veja-se a sextina, a elegia, o decassílabo, o soneto renascentista).

Embora de despertar mais tardio, a sua obra ficcional tem sido objecto de incontestado apreço, sobretudo nas mais recentes produções. *Por Detrás da Magnólia* (prémio APE para o melhor romance em 2004) confirma uma escrita ficcional onde o tempo histórico e o tempo da história muitas vezes se implicam e confundem. Nela, a sábia gestão de estratégias narrativas convoca origens e raízes que explicam o presente das acções e dos sentimentos, conduzindo o leitor ao recôndito dos mundos mais insuspeitados, mas nunca o condicionando a percepções fechadas das histórias narradas.

A actividade de tradução a que se consagra cada vez mais e com mais intensidade, para além do mérito de revelar aos leitores de língua portuguesa alguns dos mais prestigiados, representativos e fundacionais escritores das literaturas estrangeiras (as suas traduções de Shakespeare, Dante e Petrarca são já definitivamente marcos na história da tradução em Português), confirma Vasco Graça Moura como um hábil manejador da Língua, de cujas potencialidades plásticas, expressivas e estéticas detém elevada consciência. E ainda que o *traduttore* implique sempre, de alguma forma, o *traditore*, Vasco Graça Moura procura dar do texto de que partiu a imagem mais rigorosa e aproximada que a nossa língua pode permitir, evitando exhibir as cicatrizes da conversão.

A produção ensaística é amplamente sustentada por uma erudição invulgar e por uma acutilante finura interpretativa, que lembra Jorge de Sena. De importância inquestionável para a compreensão do maior poeta português de todos os tempos, cuja produção poética levanta

tantas e tão complexas questões exegéticas, os seus ensaios são imprescindíveis para descortinar as nunca dominadas teias de relações textuais implicadas na obra de Camões. Das suas vastas e sempre renovadas inquirições nesta área resultou também poesia, como “Não sei se o Camões hoje”, inserida em *Concerto Campestre*, 1993, de tal modo é intensa a forma como Graça Moura faz dialogar as suas várias facetas de escritor, provando que elas são um modo profundamente sentido de estar no mundo.

A opinião crítica de Vasco Graça Moura criou já um espaço muito próprio em vários sectores da sociedade portuguesa, ao questionar a cultura, a actualidade e a linguagem, facto que faz dele uma voz interventiva no panorama nacional, alargado agora a outros espaços, pela sua actividade de deputado europeu. Dessa inquietação germinou este impressionante verso de um poema inserido em *Variações Metálicas*, 2004, que, reflectindo a sua atitude de permanente pensador de linguagens e de cultura, cada um de nós deveria fazer seu: “Que sentido daremos amanhã às palavras da tribo?”

Por todo este percurso de rigoroso e incansável artífice das letras, parece-nos que Vasco Graça Moura é plenamente credor da proposta ao prémio Vergílio Ferreira que o Departamento de Estudos Portugueses e Estudos Românicos da Faculdade de Letras da Universidade do Porto muito se honra de apresentar, neste ano de 2006.

Porto e Faculdade de Letras da Universidade do Porto,
24 de Novembro de 2006

Principais títulos de Vasco Graça Moura

Ensaio

David Mourão-Ferreira ou a Mestria de Eros (1978)

Herculano, Poeta (1978)

Luís de Camões: alguns desafios (1980)

Nemésio: o lance do verbo (1980)

Caderno de Olhares (1983)

Camões e a Divina Proporção (1985)

Os Penhascos e a Serpente e Outros Ensaios Camonianos (1987)

Várias Vozes (1987)

Cristóvão Colombo e a Floresta das Asneiras (1991)

Retratos de Isabel e Outras Tentativas (1994)

Contra Bernardo Soares e Outras Observações (1999)

Sobre Camões, Gândavo e Outras Personagens... (2000)

Lusitana Praia. Ensaio e anotações (2005)

Ficção

Quatro Últimas Canções (1987)

Naufrágio de Sepúlveda (1988)

Partida de Sofonista às Seis e Doze da Manhã (1993)

A Morte de Ninguém (1998)

Meu Amor Era de Noite (2001)

As Botas do Sargento (2001)

O Enigma de Zulmira (2002)

Por Detrás da Magnólia (2004)

Duas Mulheres em Novembro (2006)

Poesia

Modo Mudando (1963)

O Mês de Dezembro e Outros Poemas (1976)

Instrumentos para a Melancolia (1980)

A Variação dos Semestres deste Ano; 365 Versos (1981)

Nó Cego, o Regresso (1982)

A Sombra das Figuras (1985)

A Furiosa Paixão pelo Tangível (1987)

Os Rostos Comunicantes (1984)

O Concerto Campestre (1993)

Sonetos Familiares (1994)

Poemas Escolhidos (1996)

Poemas com Pessoas (1997)

Uma Carta no Inverno (1997)

Retrato de Francisca Matroco e outros Poemas (1998)

Testamento de VGM (2001)

Antologia dos Sessenta Anos (2002)

Variações Metálicas (2004)

Teatro

Ronda dos Meninos Expostos. Auto breve de Natal (1987)

Auto de Mofino Mendes: Farsa de Natal (1994)

Tradução

Sonetos de Shakespeare (1977)

Sonetos a Orfeu de Rilke (1994)

506

Vita Nuova de Dante Alighieri (1995)

Divina Comédia de Dante (1996)

Rimas de Petrarca (2003)

Os Triunfos de Petrarca (2004)

Fedra de Racine (2005)

Berenice de Racine (2005)

Andrômaca de Racine (2006)